

Uso da tecnologia na educação: a quem queremos enganar?



Demerval Guilarducci Bruzzi
Ex-diretor do Ministério da Educação. Formado em Economia, graduando em Psicologia, mestre em Educação e em Gestão e Criação de Objetos de Aprendizagem e doutorando em Educação

No Brasil, falamos muito sobre o uso da tecnologia na educação, mas pouco ainda fazemos. É claro que temos diversos projetos de sucesso, mas nenhum até hoje apresentou capacidade de capilaridade e profundidade para sua difusão. Vejo todos os dias aportarem nas mais diversas redes sociais pseudoespecialistas com mil e uma dicas e teorias acerca de como a tecnologia seria a salvação da educação, mas, de concreto, tais especialistas nada têm a oferecer, a não ser um pequeno momento de autopromoção.

O impacto das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) na educação é, na verdade, um aspecto particular de um fenômeno muito mais amplo, relacionado com o papel dessas Tecnologias na sociedade atual (Sociedade da Informação – SI), fazendo surgirem novas modalidades de educação, formais ou informais, individuais ou coletivas, de natureza autodidata ou sob a tutela de instituições de ensino; em formato presencial, híbrido, ou totalmente mediado por tecnologias digitais, desenhando um novo cenário para a educação. Como destacam Palloff e Pratt, em *Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço: estratégias eficientes para a sala de aula online*, os objetivos, papéis, metodologias e recursos digitais estão sendo repensados à

medida que máquinas, redes eletrônicas e tecnologias móveis invadem os espaços de aprendizagem tradicionais, fazendo emergirem conceitos e práticas relacionadas a sistemas informatizados, ambientes hipermídia e comunidades virtuais de aprendizagem.

De acordo com César Coll, um dos principais coordenadores da reforma educacional espanhola, e Carles Monereo, doutor em Psicologia da Educação da Universidade Autônoma de Barcelona, “estamos assistindo há décadas ao surgimento de uma nova forma de organização política, econômica, social e cultural, identificada como Sociedade da Informação, que comporta novas maneiras de trabalhar, comunicar-se, de relacionar-se, de aprender, de pensar e, em suma, de viver”. Ainda segundo os autores, “as TICs, em sua dupla condição de causa e efeito, têm sido determinantes nessa transformação”.

Para Coll, entre todas as tecnologias criadas pelos seres humanos, aquelas relacionadas com a capacidade de representar e transmitir a informação, ou seja, as Tecnologias da Informação e da Comunicação, revestem-se de especial importância, porque afetam o dia a dia de alunos e professores. Vivemos em uma época em que as TICs vão além da base comum do conteúdo.

Nessa perspectiva, podemos considerar que a utilização significativa e crítica de computadores e recursos digitais contribuem para a construção e apropriação de conhecimentos dos sujeitos, ao permitir que professores e alunos possam compreender melhor sua realidade para transformá-la.

Uma tecnologia educacional como o computador ou a internet, por meio do recurso de redes interativas, favorece novas formas de acesso à informação e à comunicação e amplia as fontes de pesquisa em sala de aula, criando novas concepções dentro da realidade atual, abrindo espaço para a entrada de novos mecanismos e ferramentas que facilitem as ligações necessárias, a fim de atender ao novo processo cognitivo do século XXI.

No entanto, é importante termos em mente a necessidade de uma formação adequada para nossos professores; afinal, segundo Cysneiros, em *Iniciação à informática na perspectiva do educador*, “nem todos os aprendizes, sejam professores, sejam alunos, têm condições de descobrir espontaneamente usos interessantes de software”. As pessoas aprendem diferentemente umas das outras; algumas podem aprender pela curiosidade, pelo manuseio, individualmente, outras necessitam de um suporte para obter melhores resultados em sua aprendizagem.

Esse novo cenário, que para muitos é desconhecido, de nossos alunos é o *habitat* natural. Assim, podemos também nos fazer valer da tecnologia para a criação de uma nova forma de atuação, em que alunos e professores não têm lugar definido, pois ambos são agentes ativos dos processos de ensino e aprendizagem.

Segundo Nóvoa, em *Formação de professores e profissão docente*, a troca de experiências entre alunos e docentes solidifica os espaços de formação conjunta, em que cada indivíduo é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando.

Esse novo olhar pode representar um novo momento epistemológico do



©badmanproduction/iStockphoto

sujeito. De acordo com Tardif, em *Saberes docentes e formação profissional*, seremos reconhecidos como sujeitos do conhecimento e verdadeiros atores sociais quando começarmos a reconhecer-nos uns aos outros como pessoas competentes, pares iguais que podem aprender uns com os outros, respeitando o conhecimento do professor em sua área de atuação de forma simultânea em que se admite o conhecimento do aluno sobre as novas tecnologias.

O saber fazer resulta da construção ou da articulação de um conhecimento que opera em rede, produto de uma espiral recursiva que articula diferentes saberes. Afinal, como bem propõe Maria Cândida Moraes, em *Complexidade e transdisciplinaridade em educação*, vivemos um momento de mutação na relação sujeito-objeto. Assim, quando as amarras do tradicionalismo pedagógico forem vencidas, abriremos espaço para a criação e construção de um novo modelo de educação. ■

www.educarbrasil.org.br